

Janice Perlman

Mauro Amoroso

Mário Brum

Cantareira - Dia 31 de março fez 40 anos do início da ditadura militar no Brasil, um período que legou uma série de heranças a nossa sociedade. Dois dos resultados preliminares expostos em sua pesquisa mais recente (*A dinâmica da pobreza urbana e suas implicações para políticas públicas*) dizem respeito à menor participação dos habitantes das comunidades em associações de moradores (de 69,34% dos entrevistados na década de 60, para 6% de seus filhos, na década atual) e à menor sensação de união dentro das comunidades (de 54% na década de 60, para 6%, na década atual). Você atribuiria a esses dados, ou algum outro, o caráter de herança da política de remoções praticada durante a ditadura militar?

Não. Uma parte sim, eu até posso atribuir, que seriam os dados relativos ao senso de união, comparado com o que presenciei na Catacumba. Com a remoção para os conjuntos habitacionais, os moradores acabaram sendo separados de amigos e vizinhos, o que acabou

diminuindo o grau de participação e união. Mas não é a principal razão, que estaria relacionada a duas tendências, uma de âmbito mundial, que indica uma menor participação de pessoas em atividades, associações, “coisas” coletivas. A outra tendência, mais ligada ao Rio de Janeiro, seria relativa a atuação do tráfico e da polícia, o conflito entre a polícia e os “comandos”. Na época em que as associações de moradores sofriam menos influência do tráfico e da polícia, o grau de participação era maior. Há também a questão da política. Depois que as associações passaram a receber influência de partidos políticos e do tráfico de drogas, a participação caiu. Porém, quando me refiro à tendência mundial de menor participação em esferas do coletivo, quero dizer que o Rio apenas se insere nesta tendência, possuindo suas próprias razões específicas para a menor participação, no caso das favelas, em associações de moradores, relativas à participação do tráfico de trocas e a atuação dos partidos políticos, que acabaram por tirar a autonomia dessas associações, em questões prioritárias para as comunidades.

Cantareira - Em 1962, ano de sua primeira vinda ao país, o Brasil vivia um clima de expectativas por reformas sociais. Na

Introdução de O mito da marginalidade
 você diz que “O dinamismo desse momento histórico e o sentimento de que o empenho e a capacidade de cada um pesariam na criação de um “Brasil novo” tiveram grande importância no despertar do meu interesse continuado e profundo pelo país”. Gostaríamos que você contrapusesse suas impressões sobre o Brasil, as relações, conflitos e contradições de sua sociedade nesse momento e no momento de sua saída, em 1969, sob a ameaça de prisão por atuar como agente internacional subversiva.

Realmente, o golpe me surpreendeu, e quando descobri o papel dos Estados Unidos, e houve participação dos Estados Unidos, em termos de treinamento, financiamento, foi a “coisa” mais triste que aconteceu no Brasil! Como, o tempo demonstrou, o capitalismo e o socialismo não funcionaram, esperava-se do Brasil a criação de um modelo novo, brasileiro, sem comando, controle externo, autêntico. O Brasil hoje está procurando este caminho. Naquele momento, o Brasil tinha chance de conseguir isso, devido à imensa energia e fatores, agentes bons que tinham no período, como os sindicatos, as ligas camponesas e o movimento estudantil. A minha expulsão do país não foi uma surpresa, para mim, pois eu tinha uma série de amigos e conhecidos que haviam desaparecido ou sido torturados, o que me fez sentir um certo medo. Mas, como eu já tinha todos os dados das minhas pesquisas codificados, mandando perfurá-los e passá-los para uma fita magnética, conseguir sair com eles do país, isso em 1969. Em 1973, consegui retornar, sendo que eu já era professora da Universidade de Berkley, e já estava escrevendo meu livro. Retornei porque

precisava saber o que tinha acontecido com os moradores da Catacumba, e tive que pegar uma autorização para entrar nas comunidades, o que me fez ir até o BNH, onde acabaram me mostrando outros vários projetos habitacionais desenvolvidos, como em Alagados, o que acabou me ensinando muito.

Cantareira - Em sua estadia no Brasil durante a década de 60, você chegou a se envolver com a vida acadêmica, lecionando na UFMG (1966) e na UnB (1968). No período em que você lecionou na UFMG, assim como o que você trabalhou no IBAM (1968), houve uma demanda para que você abordasse questões referentes a metodologias de pesquisa. Você poderia caracterizar, a partir de suas experiências nas universidades e no IBAM, a prática de Ciências Sociais no Brasil durante esse período? Em sua opinião, as Ciências Sociais no Brasil estavam prontas para lidar com a complexidade da favela enquanto objeto de estudo?

A UFMG foi o primeiro local onde dei aula. Eu estava fazendo meu doutorado, com uma bolsa do MIT, quando fui convidada para dar aula de metodologia no curso de pós-graduação. Em Brasília eu lecionei por pouco tempo, eu queria realizar uma pesquisa avaliando o impacto do plano diretor de Brasília, avaliar as diferenças entre o que pretendiam Niemeyer e Lúcio Costa e a divisão que acabou naturalmente acontecendo, entre as cidades-satélite e as áreas mais privilegiadas. Meu objetivo seria avaliar o processo acontecido e as diferenças entre o que pretendiam Niemeyer e Lúcio Costa, pois o que se planeja no papel quase nunca dá certo na prática. Porém, o sociólogo

Jorge Sartore já tinha feito exatamente essa pesquisa! Assim, acabei dando aula por pouco tempo em Brasília, e também, logo depois, a universidade entrou em greve. Acabei vindo para o Rio de Janeiro, eu vim chorando durante a viagem de avião, pois estava muito preocupada, afinal, uma das exigências da minha bolsa do MIT era justamente lecionar em alguma instituição. Ao meu lado, estava sentado um senhor bonzinho, que perguntava por que eu estava chorando, ele me chamava de “dona moça”. Eu acabei explicando minha situação, que minha pesquisa em Brasília não havia dado certo e eu precisava dar aula em algum lugar, se não eu perderia minha bolsa do MIT e não teria condições de permanecer no país. Eu jamais poderia imaginar que aquele senhor poderia me ajudar em algo, pois eu pensava que ele era apenas alguém que tentava me consolar. Mas aquele senhor era Diogo Lordello de Mello, na época, o diretor do IBAM! Assim, acabei indo dar aula de metodologia no IBAM, sendo que, através da minha ligação com o IBAM, também dei aula na Fundação Getúlio Vargas, e até hoje, quando venho ao Brasil, encontro alguns de meus ex-alunos. Com relação ao estágio em que se encontravam as Ciências Sociais praticadas no Brasil, eu não posso afirmar muito, pois não assisti as aulas de outros professores. Mas, com relação aos meus alunos, posso afirmar que o nível era bem elevado, com muitos desses alunos mostrando-se interessados, realizando um excelente trabalho, sendo que acabei convidando alguns para participar da minha pesquisa. Mas há outro fator que prejudicaria qualquer avaliação das aulas dos outros professores, ou a avaliação dos ideais e objetivos dos próprios alunos durante debates em aula: a ditadura. Havia um certo clima de

medo dentro da sala de aula. Medo de que houvesse um espião do regime militar, o que fazia com que se evitasse fazer qualquer crítica contra o regime ou seus interesses, pois havia o medo de ser pego, o medo da tortura. Foi um momento muito tenso.

Cantareira - Alba Zaluar fez uma crítica em *A máquina e a Revolta* de que no livro *O mito da marginalidade* haveria uma visão de que os favelados seriam integrados a partir dos valores das elites, negando possíveis conflitos ou formas de controle por parte desta. Você acha que a crítica procede?

Os valores dos favelados não eram intimamente dependentes dos valores das elites. Os favelados valorizavam valores como trabalho, educação, família, e não valores que os manipulavam, mas valores que os acompanham desde a vinda do campo dos membros mais antigos de suas famílias. O que eu queria mostrar era que os favelados não possuíam valores



que os caracterizariam como “subdesenvolvidos”, que impedissem sua integração sócio-econômica. Pelo contrário, eles já possuíam uma herança cultural muito rica, muitas vezes remetente à herança afro-brasileira. Essa história de que eles não valorizavam trabalho, honestidade, e que essa característica funcionava como um freio em termos de avanço e emprego, tudo isso era falso. Com relação aos seus valores políticos, eles possuíam um grande medo das autoridades, de serem torturados ou

“desapareceram”. Eles não tinham objetivo nem programa para implementar uma revolução de esquerda, conforme temiam as classes dominantes. Eles não externavam discurso contra a ditadura, devido ao medo, muitos ficavam quietos, apenas preocupados em ganhar suas vidas. As elites que exploravam o trabalho dos favelados de forma a obterem uma força de trabalho barateada. Mas não foi a elite que inventou a vontade de dar uma vida melhor para seus filhos. Os favelados queriam integração, a partir do emprego e da dignidade.

Cantareira - Em seu livro você diz que uma das maiores conseqüências dos mitos da marginalidade é a cultura da pobreza que responsabiliza o pobre, e não o sistema que gera e mantém sua pobreza, pela sua situação. Na sua opinião, este elemento está presente hoje em programas dirigidos a comunidades de baixa renda, comumente apelando ao empreendedorismo? A solução de combate à pobreza passa pela simples inserção do pobre no mercado?

Depende de quem está organizando o programa. Na prática, emprego e melhores condições de vida são itens que todos desejos. Os programas se tornam paternalistas quando eles encaram os favelados como pobres coitados incapazes, mesmo fornecendo esses itens. Porém, alguns programas ligados a ONG's e ao governo não são paternalistas. Por exemplo, temos o programa banco de direitos, do Viva Rio, onde alunos de faculdades de direito e professores ajudam as pessoas a conseguirem identidade, certidões de casamento e documentação



necessária para se conseguir emprego. Há também o programa de Rogério da Costa relacionado a informática e cidadania, onde se realiza a capacitação de jovens no setor da informática, em gestões e desenvolvimento de sites, o que capacita o jovem para entrar no mercado com melhor salário, devido a aproximação com essa tecnologia. Há também a implementação do Favela Bairro, que não possui características paternalistas, dependendo do lugar em que foi implementado, sendo que essa diferença se dá devido ao fato de diferentes equipes terem trabalhado em diferentes favelas onde o programa foi implementado. Em minha pesquisa mais recente, vejo que os moradores de favela estão mais interessados em melhores salários e condições de trabalho. Muitos deles conseguem melhorias em termos de emprego, mas não conseguem condições de sair das favelas, e acabam sendo estigmatizados por isso, chegando a ponto de não conseguirem outro emprego, comprar móveis e não os terem entregados no local. Inserção no mercado não é a única forma de se conseguir renda, há também os estímulos à micro-empresa, que prestam serviços à comunidade, que utiliza-se do mercado informal, mas cria seu próprio público, mercado. Alguns desses programas acabam abrindo espaço para membros da comunidade para que esses prestem serviços a mesma. Como exemplo temos um programa, coordenado pelo ENDA, que propiciou a mulheres de uma comunidade a organizarem um bazar, sendo que essas mulheres foram a casas de pessoas mais ricas, muitas delas as empregavam em serviços domésticos, e conseguiram arrecadar uma série de roupas, móveis, calçados velhos, que foram restaurados por essas mulheres da

Em dezembro de 1993, o clima na cidade do Rio de Janeiro era de medo e indignação. Em meio às tensões políticas, perdas econômicas e crise social, a população sofreu com uma onda de seqüestros, o assassinato de oito meninos junto à Igreja da Candelária e a chacina de 21 pessoas em Vigário Geral. Em resposta, foi organizada uma mobilização em toda a cidade. No dia 17 de dezembro nasceu o Viva Rio, uma organização não-governamental, sem fins lucrativos e apartidária que incentiva indivíduos, associações e empresas a construir uma sociedade mais justa e democrática.

comunidade e vendidos no bazar. O dinheiro arrecadado foi utilizado tanto no pagamento de serviços básicos, como gás, quanto no investimento em material necessário para produção, como máquinas de costura, de uma forma alternativa de renda.

Cantareira - As favelas hoje são tidas como berço da violência urbana. Na sua opinião, o tráfico tem contribuído para reatualizar o mito da marginalidade?

Não somente o tráfico, mas a ausência do Estado e de seus órgãos, além da maneira como a polícia trata o favelado, tudo isso contribuindo para associar ao favelado o estigma de marginal. Se alguém fala que mora em uma favela, ninguém vai querer visitá-lo, empregá-lo, entregar os



móveis por esse alguém comprados, tudo isso por a favela possuir o estigma de local de bandidos, local onde ocorrem tiroteios. O mito atualizado junta o morador da favela com essa nova violência ligada ao narcotráfico, mesmo havendo a distinção entre o traficante e o trabalhador. O que contribui para essa generalização é a tomada de controle de determinada favela por traficantes de outra favela. Esses traficantes acabam por generalizar os moradores, até por não conhecê-los, tratando todos da mesma maneira, justamente como a polícia faz na maioria das vezes.

Cantareira - Uma das maiores polêmicas (presente no seu livro inclusive), senão a

maior, em relação às remoções foi nos efeitos desta na vida dos removidos, em todos os aspectos (social, econômico, etc...). Há alguns anos a Vila Kennedy foi tema de uma matéria na revista Veja, demonstrando o padrão de vida de seus moradores e apresentando-na como prova dos efeitos positivos da remoção? No entanto, as melhorias que se verificaram na Vila Kennedy podem ser vistas em muitas favelas da cidade. Qual afinal, o balanço das remoções para os removidos e para a cidade?

O padrão de vida nos conjuntos geralmente é melhor do que nas favelas, mas também há violência e preconceito nos conjuntos. Mas há maior facilidade de se conseguir emprego e de ser melhor visto como socialmente integrado quando se mora em um conjunto. Em meus estudos, constatei que há um grupo de pessoas que gostariam de voltar para a Catacumba, pelo fato dessa favela ter sido localizada na zona sul, onde há melhores condições de habitação e saúde. O fato é que muitas dessas pessoas não se recuperaram do choque de serem separados da família, amigos e líderes comunitários. Entretanto, há um outro grupo que acha que a remoção foi a melhor coisa que lhes poderia ter acontecido, tendo orgulho de ter passado a pagar IPTU e condomínio, pois, assim, passou a se sentir incluído, integrado, como parte da cidade. Ou seja, essa questão chega a ser problemática dentro das próprias comunidades. No total, as condições de vida dos moradores de favela melhoraram no geral, mas a renda per capita e educação nos conjuntos é um pouco melhor. Mas não sei se esse quadro chega a ser verdadeiro para todas as favelas e conjuntos.

Removida em 1970, durante o governo Negrão de Lima, a favela da Catacumba chegou a ter população superior a 10 mil pessoas nos anos 60.

Nos casos em que estudei, sei que em Quintugo e Guaraporé, as condições melhoraram, enquanto em Nova Brasília, as condições estão piores.

Cantareira - Faça uma comparação entre os resultados preliminares de *A dinâmica da pobreza urbana e suas implicações para políticas públicas* e entre os resultados alcançados em *O mito da marginalidade*, dando ênfase nos aspectos que mais se modificaram, e que mais a surpreenderam, com relação aos locais e famílias pesquisados. Qual o estágio atual da pesquisa *A dinâmica da pobreza urbana e suas implicações para políticas públicas*?

O primeiro resultado mais surpreendente, que mais mudou, foi em relação ao crescimento do narcotráfico e da violência. O segundo foi a incapacidade de traduzir os avanços educacionais em avanços ocupacionais e empregatícios. O nível necessário para se obter um bom emprego subiu mais rápido do que o nível de escolaridade, o que acabou por perpetuar a desigualdade social, apesar dos avanços. Apesar disso, muitos dos moradores de favelas continuam otimistas, havendo uma parcela que crê que sua vida irá melhorar, outra parcela que crê que sua vida continuará igual, e apenas uma parcela que crê que sua vida irá piorar, mesmo com o nível de desemprego entre eles sendo maior, tanto entre as gerações mais antigas quanto para seus filhos. Minha pesquisa se encontra em



sua fase final, onde coletaremos e analisaremos novas amostragens em comunidades, assim como lideranças, ainda não pesquisadas. Essa fase terminará em setembro de 2004, sendo que a fase de coleta de dados deverá estar terminada em junho de 2004.

Cantareira - Fale sobre a fundação e sobre os objetivos e forma operacional do projeto megacidades (1987), assim como sua implementação e principais projetos em andamento no Brasil. Qual vem sendo o grau de vinculação de sua produção acadêmica com os projetos elaborados pelo megacidades?

O megacidades começou com o objetivo de buscar e pesquisar projetos de outras ONG's que deram certo para transplantá-los para outras ONG's locais, sendo que essa progressão foi se dando gradativamente do local para o global. Eu acabei saindo temporariamente do meio universitário para me dedicar em tempo integral ao megacidades. Em cada cidade onde atuamos temos uma equipe formada por pessoal ligado a outras ONG's e/ou universidades, a fim de criar um banco de soluções que viraram práticas. Já temos cerca de 40 experiências, relacionadas a meio-ambiente, democracia e redução de desigualdade social, transplantadas de um país para outro. Agora, estamos integralmente dedicados à pesquisa *A dinâmica da pobreza urbana*, e depois testaremos seus resultados em outros lugares do mundo. Nossa experiência tem conseguido bastante êxito, a fim de mostrar um caminho que ajude a solucionar esses problemas mundiais. Aliás, eu não gosto da palavra "soluções práticas", preferindo "inovações

"O projeto Mega Cities é uma rede transnacional de sociedades civis, de negócios, acadêmicas, governamentais e de comunicação de 20 das maiores cidades do mundo. Fundada por Janice Perlman, em 1987, o Mega Cities tem trabalhado para transformar comunidades e cidades em lugares melhores para se viver, aprender, trabalhar e usufruir de lazer."

práticas”, pois “soluções” não implicam em originalidade, indicando um certo grau de estagnação, enquanto “inovações” demonstra uma tendência de adaptação aos problemas que surgem ou ganham nova roupagem.

Cantareira - Passados 30 anos de seus estudos em o mito da Marginalidade, que você denuncia o uso da pobreza por parte de políticos que se apresentam como salvadores. Acrescente a isso mais 20 anos do fim da Ditadura... a democracia e/ ou a cidadania chegaram às favelas?

Claro que a democracia chegou à favela até certo ponto. Como ainda há um preconceito de classe muito grande, a cidadania ainda não penetrou totalmente, havendo uma certa exclusão, e o favelado acaba não conseguindo desempenhar seu papel, seus direitos de cidadão, de protestar para mudar os aspectos sociais que lhes prejudicam. Eles não vivem mais em uma ditadura, mas a democracia os decepcionou. Eles esperavam mais da democracia, que não houvesse tanta corrupção, eles sentem a falta de políticos que eles realmente possam considerar honestos, com uma plataforma que realmente tivesse o

pobre como interesse e objeto principal, ao invés dos interesses pessoais dos próprios políticos. Há cidadania na teoria, o problema é que há apenas na teoria, apesar das ONG's tentarem passar a idéia de cidadania da teoria para a prática. O problema é que os favelados só se sentirão cidadãos quando eles não forem mais oprimidos, quando eles sentirem que eles podem conseguir alguma melhoria de suas condições através do protesto democrático. Há opressão tanto na ditadura quanto na democracia, apesar de haverem programas, tentativas de acabar com essa opressão e desigualdade, como o cheque-cidadão, mas os favelados ainda não conseguiram internalizar a sensação de cidadania e democracia, a sensação de ser ouvido. ♦